

O Partido Comunista da Índia (Maoísta)

MATEUS CAMPOS RANZAN*

Este artigo irá estudar os métodos utilizados na construção teórico e prática do Partido Comunista da Índia (Maoísta) – PCI (Maoísta)¹ – no período entre 2009 e 2010, quando esse passou por um processo de institucionalização e militarização, consolidando-se em termos de inserção popular na região de Dandakaranya², que ocupa áreas de quatro estados indianos diferentes. Entre 2009 e 2010 o Partido conseguiu realizar diversas agitações nas regiões em que sua força é predominante, consolidando o *Janata Sarkar* (Governo do Povo), ou seja, um governo paralelo ao Estado indiano. Entretanto, no fim de 2010 essas agitações começam a perder força devido às operações antinaxalistas planejadas pelo governo, em especial a Operação Green Hunt³, lançada em novembro de 2009.

Fundado no ano de 2004⁴, este partido reúne um grupo de militantes que, ao mesmo tempo, nega a via eleitoral como forma de alcançar o poder estatal e utiliza a luta armada como meio para tentar mudar profundamente a realidade política e social da Índia. Entre as influências teóricas que inspiram os guerrilheiros destacam-se, sobretudo, as teses de Charu Majumdar⁵ e os pensamentos de Mao Tse-Tung⁶. Além

* Mestrando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista Capes. Email para contato: ranzan.mc@gmail.com

¹ Com o intuito de tornar o texto mais dinâmico e também para aproximar-se da terminologia utilizada pela bibliografia especializada, sempre que possível, será utilizada a forma abreviada do Partido Comunista da Índia (Maoísta).

² Essa área inclui os distritos de Bastar, Dantewada e Kanker, ao sul do estado de Chhattisgarh; Gadchiroli e Chandrapur em Maharashtra; Koraput e Malkangiri em Orissa; Adilabad, Karimnagar, Khammam e Godavari Oriental no estado de Andhra Pradesh, sendo referida pelos maoístas como Zona Especial de Dandakaranya. (RAMACHANDRAN, 2011:18).

³ Essa operação consiste no envio de mais de 50 mil soldados treinados especialmente para combater os naxalistas em cinco estados diferentes (Bengala Ocidental, Jharkhand, Bihar, Orissa e Chhattisgarh), disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/10453627>>, acessado em 20.jun.2012. Contudo, é importante frisar, os maoístas continuam ativos em todos esses estados, ainda que atuem com maior cautela, especialmente após a perda de importantes lideranças do grupo.

⁴ COMMUNIST PARTY OF INDIA (MAOIST) CENTRAL COMMITTEE (PROVISIONAL). Disponível em: <<http://www.bannedthought.net/India/CPI-Maoist-Docs/Statements/PressStatementOnMerger.htm>>, acessado em 10.abr.2010. O Partido foi fundado em 21 de setembro, mas a nota para a imprensa somente foi divulgada em 14 de outubro.

⁵ Líder histórico dos maoístas revolucionários e principal ideólogo do movimento, escreveu as “*Oito Teses*” (1965-66), documentos que se tornaram as primeiras bases teóricas-ideológicas da guerrilha. Suas teses estão disponíveis em: < <http://ajadhind.wordpress.com/historic-documents-charu-mazumdar/>>, acessado em 23.ago.2010.

⁶ Uma série de documentos escritos por Mao, tais como “*On Protracted War*” (1937) e “*On Guerrilla Warfare*” (1938) estão disponíveis em:< <http://www.marxists.org/reference/archive/mao/index.htm>>, acessado em 23.ago.2010.

dessa base teórica, o PCI (Maoísta) também recebe influências de experiências históricas como a Revolução Chinesa e conflitos anteriores específicos da Índia. O Partido justifica a sua atuação criticando a formação histórica do país e aproveita-se da multiculturalidade da região para conquistar o apoio popular nas áreas onde atua.

O PARTIDO

É importante analisar o sentido de organização partidária defendido pelos naxalistas⁷, uma vez que os mesmos se identificam enquanto partido, contudo, para o governo indiano os maoístas não passam de um “grupo terrorista”. Pretende-se expor os conceitos de Partido relacionados com a ação revolucionária para a tomada do poder estatal e os questionamentos da validade da ação política por meio do parlamento. Nesse contexto, além de um partido, esses grupos utilizam-se de outras formas de organização para alcançar os seus objetivos.

O movimento camponês indiano passou por diversos processos de mudanças no decorrer do tempo, com diferentes alinhamentos ideológicos e princípios de ação (SINGHAROY, 2004: 48). Essas mudanças afetaram a participação direta/indireta e violenta/passiva dos camponeses, sendo parte natural de um processo de formação de identidade. Dessa forma, os naxalistas se inserem enquanto uma das consequências desse complexo processo, relacionando posse da terra, valores culturais e religiosos, além da constituição da camada rural pobre como agente político.

Os naxalistas sempre procuraram se identificar enquanto um partido revolucionário, essa era uma questão evidente nos seus planejamentos. Após a expulsão de Charu Majumdar e seus seguidores do Partido Comunista da Índia (Marxista) – PCM –, quando os mesmos iniciaram a revolta em Naxalbari, fez com que os guerrilheiros se organizassem na *All India Coordination Committee of Communist Revolutionaries* (AICCCR), um aglomerado de organizações simpatizantes dos ideais maoístas. A AICCCR era formada por dissidentes do PCM de diversos estados, mais alinhados com os revoltosos de Naxalbari do que com as políticas parlamentar. Entretanto, já existiam ambições de construir um novo partido na política indiana, que aglutinasse todas as forças de esquerda revolucionárias da Índia. Esse ideal foi concretizado com a fundação do Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) em 22 de abril de 1969.

⁷ Naxalista é outro termo utilizado para se referir aos maoístas revolucionários da Índia. Nesse texto, os termos são intercambiáveis.

Apesar de o movimento ter sofrido diversas divisões no passar dos anos, a maioria de seus grupos continuaram se identificando enquanto “Partido”. Alguns desses grupos abandonaram o caminho da luta armada, optando pela via parlamentar para alcançar o poder estatal. Dessa forma, alguns de seus membros foram eleitos para o *Lok Sabha*, como foi o caso da região de Ara, em Bihar, responsável por enviar o primeiro naxalistas para o Parlamento⁸. Para o PCI (Maoísta) esses grupos são revisionistas e pouco diferem dos demais partidos parlamentares burgueses.

Os naxalistas buscam como base de apoio as populações mais subalternas da Índia, nesse caso, os *adivasis*. A integração entre o Partido e os *adivasis* é significativa, por isso o trabalho de investigação para identificar quem realmente é um naxalista é muito complexo, levando a agentes policiais admitirem que não identificam facilmente “quem é o inimigo”⁹. Para o ativista gandhiano Himanshu Kumar a popularidade do PCI (Maoísta) entre os tribais se deve ao fato de que os naxalistas ouvirem e ajudarem nos problemas dos *adivasis*, especialmente quando esses problemas estão relacionados com a ação policial. Por outro lado, o Estado cria um bloqueio, até mesmo para ouvir as reclamações dos tribais a respeito dos abusos cometidos pelas forças de segurança em suas diversas operações em territórios dos povos originários. Kumar acredita que essas operações terminam por aterrorizar as populações locais, desafiando a própria jurisprudência a respeito dos *adivasis*, logo, por respeitarem os tribais e os ouvirem, os naxalistas, conseqüentemente, se tornam populares e respeitados¹⁰.

Especialmente nas duas últimas décadas a Índia passou por um grande processo de desenvolvimento, mas a situação da população pobre se manteve inalterada. Nesse tempo a parte industrial e militar do país cresceu consideravelmente, assim como a classe média que, segundo os maoístas: “parece formidável em tamanho quando comparado com a população de muitos países da Europa”, entretanto, “os pobres cresceram e dobraram de tamanho agora alcançando cerca de 80% da população” (MIB

⁸ Conforme informação divulgada em uma linha do tempo criada pelo jornal *Hindustan Times*. Disponível em: <<http://www.hindustantimes.com/news-feed/nm2/history-of-naxalism/article1-6545.aspx>>, acessado em 18.mar.2012.

⁹ Em entrevista para o repórter Rahul Pandita, em notícia divulgada na *Open Magazine*, um policial não identificado ainda afirma: “Adivasis share nothing with us”, logo em seguida acrescenta: “We have even tried asking young children, but not a word comes out of their mouth. We have no intelligence at all”, por fim admite: “We are all waiting for evening so that we could retire to the camp”. Disponível em: <<http://www.openthemagazine.com/article/nation/the-war-nobody-can-ever-win>>, acessado em 18.jun.2013.

¹⁰ Kumar escreveu um longo artigo relatando diversos abusos cometidos pelas forças de segurança e a reação dos *adivasis*. Disponível em: <<http://sanhati.com/articles/1937/>>, acessado em 6.jun.2013.

16, 2010: 3). Em conformidade com essa posição, um relatório independente realizado a pedido do governo aponta: “A Índia hoje orgulhosamente proclama acima de 9% de taxas de crescimento e em breve atingirá dois dígitos de crescimento. Mas é comum observar que as desigualdades entre as classes, entre a cidade e o campo e entre as castas superiores e as comunidades desprivilegiadas estão aumentando” (DCEAA, 2008: 1). São essas as condições que fortalecem os espaços de atuação dos revoltosos.

Os naxalistas possuem um modelo de desenvolvimento com algumas práticas que se repetem em todos os lugares onde assumem certa relevância. Essas práticas incluem a reforma agrária e maior igualdade social, incluindo as mulheres, que também passam a ganhar direitos e autonomia. A agricultura passa a ser realizada sem o auxílio de pesticidas ou agentes químicos, visando à quebra da dependência das grandes empresas multinacionais. Os rebeldes também constroem escolas próprias, além de publicar livros e revistas contando a cultura dos povos *adivasis*, suas músicas típicas e costumes. Segundo um grupo de intelectuais indianos, essa foi a primeira vez que o grupo étnico dos Gonds fizeram seus registros de forma escrita¹¹.

O projeto de desenvolvimento dos maoístas não se coloca inteiramente contra todas as minas de extração de recursos naturais, mas sim contra a venda desses recursos pelas grandes companhias internacionais e nacionais, sem deixar nada para as populações afetadas. Segundo os guerrilheiros (MIB 17, 2010: 71), tais projetos devem ser nacionalizados, e todos os recursos convertidos para a nação e não empresas ou pessoas privadas. Também defendem a não utilização de terras cultiváveis para fins de extração mineral, a não ser que a compensação dada às famílias afetadas seja compatível com o sua perda, reconhecendo a necessidade de analisar todos os fatores ecológicos envolvidos antes das minas entrarem em ação.

Atualmente o PCI (Maoísta) procura seguir uma rígida hierarquia partidária, com democracia interna para a eleição do seu Comitê Central. De acordo com Azad, os naxalistas agem como um partido, realizando plenárias locais a cada dois anos, conferências sempre que possível e um Congresso Central a cada cinco anos (os relatos do último Congresso datam de 2007). Todos os representantes são escolhidos dentro de fóruns em suas organizações ou nos departamentos dos Comitês Revolucionários (MIB 12, 2009: 11). Ainda segundo Azad:

¹¹ As propostas naxalistas também incluem seu próprio sistema jurídico e comercial. Disponível em: <<http://forumpunjab.wordpress.com/2009/11/18/stop-war-against-the-people/>>, acessado em 29.abr.2013.

[...] nós temos oito departamentos em cada governo popular. Há poucos meses atrás nós estabelecemos o departamento de Comércio & Indústria, elevando o total de departamentos governamentais para nove. Esses são: agricultura, educação & cultura, saúde & bem-estar social, defesa, assuntos econômicos, justiça, florestas e relações públicas (MIB 12, 2009: 13).

Logo após a expulsão dos radicais revolucionários do PCM, foi fundada a AICCCR, entidade na qual a hierarquia partidária era nula, justamente por uma falta de organização e institucionalização do movimento. Nesse momento, ainda não existia um consenso sobre as estratégias e táticas a serem adotadas pela organização. Dessa forma, (HARNETIAUX, 2008: 23) os grupos funcionavam de forma autônoma e realizavam ações em suas próprias localidades, como foram os casos de Srikakulam, em Andhra Pradesh e Muzaffarpur, em Bihar (SINGH, 2011: 66). A respeito dessa organização, CHAKRABARTY e KUJUR (2010: 42) comentam:

[...] essas unidades ultraradicais finalmente se reagruparam em maio de 1968 e formaram o All India Coordination Committee of Communist Revolutionaries (AICCCR), 'Fidelidade à luta armada e não participação em eleições' eram os princípios cardiais que a AICCCR adotou para suas operações. Entretanto, diferenças surgiram sobre como a luta armada deveria avançar e isso levou a exclusão de uma seção de ativistas [...].

Essa dispersão e “autonomia” contrariavam os preceitos elaborados por Lenin, para quem o Partido tem como objetivo reunir os revolucionários e elaborar uma disciplina partidária a ser seguida por todos. Para o teórico, não respeitar esse caminho:

[...] equivale a desarmar completamente o proletariado, em proveito da burguesia. Equivale precisamente a dispersão, instabilidade, incapacidade de dominar-se para unir-se a atuar de modo organizado, defeitos tipicamente pequeno-burgueses, que, se formos indulgentes com eles, causam inevitavelmente a ruína de todo o movimento revolucionário do proletariado (LENIN, 1920: 16)

Para o teórico naxalista Charu Majumdar, o único objetivo político do Partido é a tomada do poder, reforçando a ideia de não se ater a demandas econômicas (BANERJEE, 2008: 85). Com essa premissa Majumdar não negava a importância dos sindicatos, mas preferia a mobilização consciente dos camponeses. O teórico naxalista elaborou um plano mínimo de concepções em comum entre os diferentes grupos como forma de delimitar as ações norteadoras do movimento:

Primeiro, aceitar Mao Tsé-tung como líder da revolução mundial e seus pensamentos como a forma maior do marxismo-Leninismo de nossa era. Segundo, acreditar que a situação revolucionária encontra-se em cada canto da Índia. Terceiro, acreditar na tomada de territórios como caminho para a revolução indiana. Quarto, acreditar na guerra de guerrilhas como única maneira de desenvolver e avançar a revolução (Ibidem: 89).

Ainda que Majumdar fosse reconhecido como líder do movimento e suas ideias predominassem¹², esse lapso de organização fez com que as revoltas fossem reprimidas pelo Estado com certa facilidade, uma vez que a situação se tornasse perigosa para os latifundiários e os intermediários das localidades com presença de radicais. Essa desorganização não passou despercebida pelo Partido Comunista da China, que criticou as ações dos revolucionários indianos, afirmando a necessidade de seguir os preceitos do Marxismo-Leninismo guiados pelo pensamento de Mao.

O governo indiano refere-se ao PCI (Maoísta) como um “grupo terrorista”, por não participar das eleições e realizar ações violentas contra o Estado¹³. Contudo os naxalistas se consideram um partido e questionam toda vez que são tratados como terroristas (MIB 1, 2008: 10). Procurando se afastar do conceito de simples assassinos, os maoístas (MIB 5, 2008: 49) condenaram a morte de inocentes nos atentados de Mumbai, mostrando um claro distanciamento entre suas ações políticas e a de outros grupos extremistas.

Para RAY (2013: 23) é necessário analisar o discurso elaborado pelos “terroristas” como forma de legitimar suas ações, caso contrario haveria uma simples transposição dos revolucionários do século passado para terroristas no século XXI. Azad expõe uma visão mais profunda na qual, “[...] se fossemos reconhecidos enquanto partido político, teria que haver uma solução política para o nosso conflito” (MIB 12, 2009: 11). Justamente uma resolução política para o conflito, propícia no ambiente democrático, é a proposta sugerida por um grupo de especialistas:

¹² Alguns grupos não aceitaram esse empoderamento inquestionável de Majumdar, conforme exposto no primeiro capítulo. Para reforçar esse debate, BANERJEE (2008: 185) afirma: “[...] the desire by his devotees to raise Charu Majumdar to the status of the supreme authority, whose words would have to be dogmatically followed irrespective of the context when he uttered them, actually doubled the obstacles to, and halved the potentialities of a democratic discussion at party meetings”.

¹³ Para justificar sua violência os naxalistas escrevem: “If violence alone is to be taken as the criterion to determine whether an organisation is a political party or not, then there will not be a single party left in the country’s political scene [...] the violence between the two ruling class parties, the Congress and the TDP in Rayalaseena region alone, took a far higher toll of people’s lives than the casualties in the entire state in the hands of the naxalites. [...] Then with what logic do these so-called analysts argue that a few punishments on the part of the Maoists disqualify it as a political party?” (MIB 12, 2009: 12).

Como os objetivos do movimento são políticos, isso deve ser respondido politicamente. Negociação é o único instrumento político capaz de encontrar uma resposta em uma democracia. Uma abordagem melhorativa com ênfase em uma solução negociada ajuda a gerar maior confiança em pessoas alienadas da governança. Essa abordagem é usada em todo o mundo para abordar insurgentes democraticamente. Isso vai causar os menores danos possíveis nas pessoas afetadas pelo conflito (DCEAA, 2008: 60).

Dessa forma, o não reconhecimento do PCI (Maoísta) enquanto partido, mas sim como organização terrorista, significa que os partidos dominantes não precisam optar por uma solução política do conflito. Para Ganapathy:

Nós somos um partido político como muitos outros partidos no país e no mundo. Nosso partido tem uma ideologia política e uma linha militar com objetivos corretos, com contorno nítido em referência a matérias culturais, castas, gênero, nacionalidades, ecologia, etc. até mesmo de acordo com as leis formuladas pelas classes dirigentes, direitos democráticos deveriam ser aplicados ao nosso partido. Então o banimento do nosso partido deveria ser levantado. (MIB 20, 2010: 6).

Todavia, em consonância com o governo, P.K. SINGH (2008: 10) alega que ao anunciar seu objetivo como a captura do poder estatal por meio da luta armada, os naxalistas enquadram-se melhor enquanto grupo terrorista do que um partido político. Para o autor: “[...] uma grave e essencial diferença entre vários movimentos políticos e o movimento Naxalista é que o último subscreve para violência como uma filosofia”.

Especialmente na última década, desde a aglutinação de grupos outrora rivais, essa estrutura partidária tornou-se mais consolidada¹⁴, possibilitando ações conjuntas de membros partidários de diferentes estados, além de ações coordenadas para acontecerem em um mesmo momento em diferentes localidades, principalmente envolvendo questões militares. Porém, o PCI (Maoísta) também sofre com as suas contradições “[...] entre a ampla classe média urbana e educada de lideranças maoístas e os recrutas e soldados, que são tribais e castas baixas/Dalits” (RAMACHANDRAN, 2011: 22), pois, por vezes, divergem em estratégias e táticas.

¹⁴ Apesar de toda unidade que o partido constrói e procura mostrar para as pessoas fora do movimento, existem casos de deserção mesmo entre os membros de alto escalão, como, por exemplo, Lanka Papireddy (MIB 1, 2008: 18). Recentemente houve uma grande polêmica dentro do movimento quando membros do partido no estado de Jharkhand colocaram uma bomba dentro do corpo de um oficial CRPF. Tal atitude foi condenada por membros de outros estados e pelo Comitê Central, pois representa uma quebra na Convenção de Genebra. Disponível em: <<http://www.thehindu.com/opinion/open-page/from-grievance-to-greed/article4469590.ece>>, acessado em 12.nov.2013.

Como política partidária, defendem a autodeterminação dos povos e por isso são favoráveis a uma Caxemira autônoma, capaz de decidir entre uma independência plena ou fazer parte do Paquistão. Segundo Azad os “fascistas hindus” (fundamentalistas religiosos) destroem a moral do povo da Caxemira, não permitindo que decidam seu próprio destino (MIB 4, 2008: 5). Os naxalistas não acreditam que a independência da Caxemira irá levar a outras minorias exigirem os mesmos direitos, mas se isso ocorresse não acreditam que seja um grande dilema nacional. Além disso, lançam a pergunta: a quem interessa a supressão das minorias dentro da Índia? (MIB 4, 2008: 6). Para os naxalistas, assim como para intelectuais como Arundhati Roy, aos hindus que controlam o Estado¹⁵.

Nesse contexto de supressão, as mulheres são as grandes vítimas do sistema patriarcal¹⁶ amplamente difundido nas áreas rurais do subcontinente indiano, agregam-se em grande número dentro do movimento naxalista, alcançando altos postos (MIB 7, 2009: 30). Entretanto, foi possível mapear somente a presença de uma mulher entre os membros do primeiro escalão do PCI (Maoísta), Anuradha Ghandy (RAMACHANDRAN, 2011: 65), eleita para o politburo. Nos *dalams*, primeira forma de organização do movimento, não existe diferenciação entre os sexos, homens podem ser solicitados para cozinhar, enquanto as mulheres patrulham uma área (MIB 13, 2009: 54), garantindo assim um ambiente propício para a mulher ganhar autonomia. O espírito revolucionário das mulheres indianas não é exclusivo dos naxalistas, pois participaram de outras rebeliões por melhores condições de vida e mais direitos (SINGHAROY, 2004: 75).

Em contraponto, existem acusações de abusos contra mulheres praticados por seus superiores no movimento, atitudes que Ganapathy não nega por completo, mas as relaciona com a cultura e mentalidade há anos existente no subcontinente: “Nós estamos lutando contra manifestações de patriarcalismo, aumentando a consciência política de nossas camaradas e das pessoas, fazendo campanhas contra o patriarcalismo e mais do que tudo, aumentando a consciência, autoconfiança e a individualidade das camaradas mulheres e implementando firmes políticas pró-mulheres” (MIB 20, 2010: 19). Como

¹⁵ Aqui vale lembrar que o caminho seguido pela China é bem diferente do pregado pelos naxalistas, pois existem minorias submetidas no país, sendo o caso mais conhecido o Tibete.

¹⁶ “The economic and social disadvantages of women in Indian society reflect a whole gamut of patriarchal norms and practices such as patrilineal inheritance, patrilocal residence, the gender division of labour, the gender segregation of public spaces, and the discouragement of widow remarriage” (DCEAA, 2008: 11).

resultado, conforme RAMACHANDRAN (2011: 65), as mulheres constituem 40% do trabalho administrativo no Partido, além de constituírem números significantes da ala militar.

Quando acontece alguma operação das forças paramilitares do governo, se as mulheres procuram a polícia para realizar denúncias sobre abusos são ridicularizadas, em compensação, se procuram os naxalistas recebem justiça rapidamente¹⁷. Conforme relatório independente a exclusão das mulheres passa por diferentes aspectos: “[...] a mulher indiana continua enfrentando enormes dificuldades, quer seja em termos de direitos de propriedade, participação na força de trabalho, oportunidades educacionais, acesso ao sistema de saúde ou representação política” (DCEAA, 2008: 10).

Como uma das formas de substituir o Estado na administração da justiça, os naxalistas utilizam-se dos *Jan Adalat*, uma espécie de júri popular, no qual o juiz é dispensado e a própria população julga e declara a sentença. Tal mecanismo de poder popular não é novidade no movimento, pois nos anos iniciais, ao assumir o controle de uma localidade, os inimigos eram sentenciados a morte na presença de toda a comunidade, em um julgamento aberto (BANERJEE, 2008: 251) com o claro intuito de aproximar a população dos ideais naxalistas. Conforme um grupo de especialistas:

De todas as coisas que são conhecidas sobre os Naxalistas, suas Cortes Populares são talvez as mais notórias. Enquanto os abusos denunciados sobre eles não são todos falsos, pensar que essa é toda a história não está correto. O fato é que um fórum tão informal, áspero e rápido de resolução de disputas, de alguma maneira corresponde às necessidades (DCEAA, 2008: 3).

Diversos exemplos podem ser encontrados nos MIB ou na imprensa indiana sobre esses juris e suas execuções. Para os naxalistas essa violência é importante porque termina com a rede de informações de polícia, quebrando seu serviço de inteligência (MIB 4, 2008: 22). Para defesa dessas “cortes populares” os revoltosos afirmam que somente seus *Jan Adalats* podem trazer justiça para as demandas dos *adivasis*, pois o sistema judicial indiano seria corrupto e não alcançaria a demanda dos mais humildes (MIB 7, 2009: 47). Em consonância com essa posição, HARIVANSH (2008: 22) exemplifica como funciona o sistema tradicional:

¹⁷ Conforme artigo disponível em: <<http://indianvanguard.wordpress.com/2009/11/01/maoist-country-men-cook-women-patrol/>>, acessado em 9.set.2013.

O sistema judicial nas áreas rurais existe somente no nome. Todas as alas do governo – cadeias, polícia, justiça, processos – se tornaram ineficientes e as agências de aplicação das leis se tornaram fracas, corruptas e insensíveis. A necessidade de reformas judiciais é evidente. Não é de admirar que os Jan Adalats naxalistas tenham tremendo suporte das pessoas, lembrando que o motivo tem um lado escuro e outro brilhante – medo dos Naxalistas e expectativa de justiça imediata. Uma pequena disputa de terras poderia manter os litigantes correndo de e para os tribunais por duas décadas. Nos Jan Adalats o caso seria resolvido na hora.

Além dos *Jan Adalats*, o Partido utiliza-se dos *Janathana Sarkars*¹⁸ considerada a forma mais avançada de governo popular mantida pelos naxalistas, existente somente em Dandakaranya. Segundo os revoltosos, os *Janathana Sarkars*, ou Governos Populares, são os verdadeiros meios democráticos do povo, pois a população assume seu destino de forma autônoma, sem precisar de partidos ou políticos, possuindo departamentos para cuidar da parte administrativa, cultural, educacional, saúde, proteção das florestas, defesa da vila, finanças, justiça e relações públicas (MIB 7, 2009: 52). Reforçando essa visão, de acordo com BANERJEE (2008: 370): “Em algumas zonas de guerrilha, os camponeses pobres e os trabalhadores rurais aparentemente ganharam com ocupação de terras, melhores salários pelos trabalhos, reconhecimento dos seus direitos sociais, proteção contra a opressão dos latifundiários, agentes florestais corruptos e os policiais predatórios”.

Dessa forma, os *adivasis* são convidados para trabalhar, juntamente com os maoístas, em prol da comunidade, com a construção de pequenas barragens, canais de irrigação, hospitais, escolas, entre outras atividades. Azad defende que o modelo naxalista de desenvolvimento prevê que toda a riqueza do país permaneça nele, gerando trabalhos para os moradores locais e não seja revertido para o exterior. O porta-voz guerrilheiro afirma que onde o Partido conquista maior número de simpatizantes, a reforma agrária é a primeira medida a ser adotada, provendo terra para os trabalhadores para que não haja mais a necessidade de arrendamentos (MIB 19, 2010: 62). Também são contrários aos usos de aditivos químicos, prejudiciais a saúde do trabalhador, além de torná-los prisioneiros de grandes empresas que vendem o produto, como ocorreu na Revolução Verde na Índia.

¹⁸ Para defender a legitimidade de ações contra revolucionárias e criticar a maneira como seus atos aparecem na mídia, manipulados pelo governo, Katakam Sudarshan, secretário do departamento regional do PCI (Maoísta) afirma: “Step up state violence and state-sponsored violence. Do not allow the media to visit the areas where the central and state forces are carrying out the worst forms of crimes against the *adivasis*. But when one police informer is punished by the Maoists, organise an official tour of the media personnel to paint the Maoists as murders of innocent people.” (MIB 13, 2009: 25).

Com essas atitudes, os naxalistas pretendem mostrar que nem tudo é violência na sua administração, em contraponto ao que a mídia expõe constantemente. Segundo o poeta revolucionário Varvara Rao os naxalistas desenvolvem projetos para atender as necessidades básicas dos *adivasis* como terra, irrigação, educação e saúde, algo que o governo não consegue atender a muitos anos. Para o poeta:

*Os Naxalistas/Maoístas desenvolveram um modelo alternativo de desenvolvimento pró-povo. Na região de Dandakaranya, distribuíram muitos hectares de terras para camponeses sem-terra, criaram formas alternativas de agricultura e irrigação, assistência médica e educação. Naxalistas estão lutando com as massas e para as massas, diferente de Chidambaram e outros que estão sentados em torres de marfim e mandam tropas paramilitares para áreas adivasis.*¹⁹

Em consonância com esse pensamento, Ruchir GARG (2008: 37) salienta:

Os Naxalistas assumiram a causa da proibição e estão lutando contra outros males sociais, enquanto mobilizam as mulheres. Eles ensinaram aos camponeses métodos modernos de agricultura e distribuíram sementes, construíram pequenas represas e lagos, introduziram médicos e abriram escolas. Eles tiveram um papel significativo em ocupar as terras para os tribais e, mais importante, isso foi feito, não cortando árvores, mas ocupando terras de grandes latifundiários e as distribuindo entre os sem terras.

Uma forma embrionária dos *Janathana Sarkars* são os *Comitês Populares Revolucionários*, nos quais o PCI (Maoísta) organiza diversas funções como indústria, comércio, educação, saúde (MIB 11, 2009: 26), para pouco a pouco substituir toda a administração pública de uma localidade, permitindo ao Partido continuar crescendo, apesar da forte repressão estatal. Segundo GARG (2008: 35), no seu esforço de transformar Dandakaranya em uma zona liberta, pelos menos 2 mil vilas formaram seus comitês na região. Ganapathy admite que as estruturas partidárias são pequenas para o tamanho do país, mas acredita fielmente em seguir o caminho revolucionário para mudar essa realidade e encontrar um futuro “brilhante” (MIB 20, 2010: 25).

Apesar dessa preocupação com o desenvolvimento de suas áreas de atuação, o governo e parte da mídia acusam os revoltosos de destruírem diversas escolas, ação admitida pelo Partido, alegando que as escolas são destruídas porque já não serviam

¹⁹ Varvara Rao concedeu esse depoimento em um “Tribunal Popular” no qual diversos intelectuais depuseram a respeito da Operação Green Hunt, contestando as ações tomadas pelo governo. Disponível em: <<http://www.icawpi.org/news/india/876-public-meeting-on-indian-states-war-on-people-and-the-assault-on-democratic-voices>>, acessado em 29.mai.2013.

mais para seu propósito pedagógico, mas sim como alojamentos para soldados em grandes operações antiterroristas, obrigando as crianças e professores a ficarem do lado de fora.

Como forma para manter sua estrutura e angariar fundos para a realização de seus trabalhos e ações, o partido planeja ataques a bancos (MIB 7, 2009: 17; MIB 20, 2010: 46), extorsão por meio de sequestro de funcionários públicos e cobrança de taxas em seus bastiões. Dessa forma, grandes empresas e empresários também são taxados para poderem atuar na exploração de recursos naturais (MIB 3, 2008: 29). Segundo Gopalji, “[...] existem normas e regras de como taxar as pessoas” (MIB 17, 2010:71), escolas e hospitais são isentos dessa taxaço, afirmando que todo o dinheiro coletado é usado em prol das pessoas e da revolução. Contudo, para alguns estudiosos, nem todas as cobranças passam pelos meios “formais” dos maoístas, gerando corrupção entre as lideranças partidárias. Além disso, apontam outras formas de geração de renda para o Partido, tais como: “[...] operações de minas ilegais, venda das folhas de tendu e a venda ilegal de diversos produtos florestais e narcóticos²⁰” (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 33).

O sociólogo BANERJEE (2008: 372) mantém a mesma linha crítica dessas praticas, denominando-as de “[...] aberrações perigosas no movimento maoísta”. Para o autor, tais práticas são uma traição aos ideais defendidos pelos naxalistas ao longo de sua história, alienando possíveis aliados de uma parcela importante da sociedade civil indiana: intelectuais, pequenos empresários e organizações dos direitos humanos.

Procurando distanciar-se dessa visão, segundo Azad, os principais fundos partidários são doados pelas pessoas e as taxas coletadas de comerciantes e empresas operando em seus bastiões são nominal, não extorsão (MIB 12, 2009: 17). É importante salientar aqui que os naxalistas geram uma economia paralela, pois o governo envia fundos especiais para regiões afetadas pelos guerrilheiros. Como sugere RAMACHANDRAN (2011: 20): “[...] oficiais, políticos e empreiteiros tem um grande interesse em manter o conflito vivo ou magnificar a magnitude da ameaça Maoísta”.

²⁰ Entre os narcóticos apontados pelos especialistas estão o ópio e a marijuana, plantados nos distritos de Malkangiri. Tais fatos são veementemente negados pelos naxalistas e afirmam que isso faz parte de uma campanha do governo para desmoralizar o PCI (Maoísta).

BIBLIOGRAFIA

- BAHREE, Megha. *India's Dirty War*. Forbes Magazine. Volume 185, Issue 8, p.146-154. 2010.
- BERSTEIN, Serge. *Partidos Políticos*. In: Rémond, René (org). Por uma história política. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ/Ed. FGV. 1996.
- BANERJEE, Sumanta.. *In the Wake of Naxalbari*. Kolkata. Debajyoti Datta Shishu Sahitya Samsad Pvt Ltd. 2008.
- _____, Sumanta. *Reflections of a one-time Maoist activist*. Dialect Anthropology. Volume 33, p.253-269. 2009.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília. Ed. da Unb. 2004.
- CHAKRABARTY, Bidyut; KUJUR, Rajat Kumar. *Maoism in India: Reincarnation of ultra-left wing extremism in the twenty-first century*. London. Routledge. 2010.
- CHANDAN, Tejal; JOSEPH, Ancy. *Introduction*. In: V. R. Raghavan (eds). *The Naxal Threat: Causes, State Responses and Consequences*. New Delhi. Vij Books India Pvt Ltd. 2011.
- CUESTA, Josefina. *Historia del Presente*. Madri. Ed. Eudema. 1993.
- CHESNEAUX, Jean. *A Ásia oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo. Ed. Pioneira. 1976.
- CHOSSUDOVSKEY, Michel. *A globalização da pobreza: Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial*. São Paulo. Ed. Moderna. 1999.
- CHAKRAVARTI, Sudeep. *Red Sun: travels in naxalite country*. New Delhi. Penguin Group. 2008.
- D'ALMEIDA, Fabrice. (2006). *Toward a shared history of the presente*. Disponível em: <http://www.ihtp.cnrs.fr/sites/ihtp/IMG/pdf_Toward_a_shared_history_of_the_present_2.pdf>, acessado em 12.mai.2011.
- DAHIYA, Rumel (2010). *Anti-Naxal Operations: Employment of Armed Forces*. Disponível em: <http://www.idsa.in/system/files/IB_Anti-NaxalOperations_04052010.pdf>, acessado em 14.ago.2014.
- DECCAN HERALD. *PC asks Bengal govt to reclaim Maoist-hit areas*. Disponível em: <<http://www.deccanherald.com/content/8754/pc-asks-bengal-govt-reclaim.html>>. Acessado em 02.dez.2011.
- DUVERGER, Maurice. *Os Partidos Políticos*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1970.



- D'SOUZA, Radha. (2010) *Sandwich Theory and Operation Green Hunt*. Disponível em: <<http://www.zcommunications.org/sandwich-theory-and-operation-green-hunt-by-radha-d-souza>>, acessado em 10.ago.2011.
- DASH, Satya Prakash. (2006). *Naxal movement and state power: with special reference of Orissa*. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=3eDaiaDwcNgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false>, acessado em 12.jun.2011.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo. Ed. Unesp: Ed. Boitempo. 1997.
- _____, Terry. *A Ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental*. In: Slavoj Zizek (org). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro. Contraponto. 2010.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Petrópolis, v. 94, nº3, p.111-124, maio/jun. 2000.
- FLAVONI, Francesco d'Orazi. *Historia de la India*. Mexico. Ed. Oceano. 2003.
- GARG, Ruchir. *Roots and Causes: The Case of Dandakaranya*. In: P. V. Ramana (eds) *The Naxal Challenge: Causes, Linkages and Policy Options*. New Delhi. Pearson Longman. 2008.
- HARIVANSH. *Roots and Causes: The Case of Jharkhand*. In: P. V. Ramana (eds) *The Naxal Challenge: Causes, Linkages and Policy Options*. New Delhi. Pearson Longman. 2008.
- HARNETIAUX, Keith J (2008). *The Resurgence of Naxalism: How Great a Threat to India?*. Disponível em: <http://calhoun.nps.edu/bitstream/handle/10945/4132/08Jun_Harnetiaux.pdf?sequence=1>, acessado em 14.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 1. Disponível em: <<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-01-080331.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 3. Disponível em: <<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-03.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 4. Disponível em: <<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-04.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 5. Disponível em: <<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-05.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.

- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 7. Disponível em: <
<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-07.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 11. Disponível em: <
<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-11.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 12. Disponível em: <
<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-12.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 13. Disponível em: <
<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-13.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 16. Disponível em: <
<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-16.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 17. Disponível em: <
<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-17.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 19. Disponível em: <
<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-19-Final.pdf>>, acessado em
18.ago.2014.
- MAOIST INFORMATION BULLETIN (MIB) 20. Disponível em: <
<http://bannedthought.net/India/CPIMIB/MIB-20.pdf>>, acessado em 18.ago.2014.
- RAMACHANDRAN, Sudha. *The Maoist Conflict in Dandakaranya*. In: V. R. Raghavan (eds). *The Naxal Threat: Causes, State Responses and Consequences*. New Delhi. Vij Books India Pvt Ltd. 2011.
- RAY, Rabindra. *The Naxalites and their Ideology*. New Delhi. Oxford University Press. 2013.
- SINGH, K. P. *The Trajectory of the Movement*. In: P. V. Ramana (eds) *The Naxal Challenge: Causes, Linkages and Policy Options*. New Delhi. Pearson Longman. 2008.
- SINGHARROY, Debal K. *Peasant Movements in Post-colonial India: Dynamics of Mobilization and Identity*. New Delhi. Sage Publications India Pvt Ltd. 2004.